

ALVES REDOL

# FORJA

TRAGÉDIA



LISBOA—1948

ALVES REDOL

# *FORJA*

TRAGÉDIA

ULFLOM 01508



LISBOA

1948

## PERSONAGENS

|                      |    |      |
|----------------------|----|------|
| <i>Pai</i> .....     | 55 | anos |
| <i>Mãe</i> .....     | 45 | »    |
| <i>António</i> ..... | 26 | »    |
| <i>João</i> .....    | 24 | »    |
| <i>Miguel</i> .....  | 21 | »    |
| <i>Luís</i> .....    | 10 | »    |
| <i>Vizinha</i> ..... | 23 | »    |
| <i>Morte</i> .....   |    |      |
| <i>Coro feminino</i> |    |      |

P R I M E I R O      A C T O

*QUANDO o pano sobe, as trevas envolvem toda a cena. Só da ribalta vem uma luz muito branda que desvenda as figuras do Coro, vestidas de túnicas brancas, as quais compõem um friso de atitudes plásticas, como num baixo relevo.*

*Depois a luz de cena acompanha o recitativo do Coro, em gradações que vão das trevas à claridade plena, e desta, novamente, à fusão que traz as sombras da noite.*

*CORO — 2.<sup>a</sup> Figura*

Inda a lua não esmorece  
E as estrelas são aos bandos,  
Como pássaros de fogo  
Voando na noite noite...

*CORO*

Noite noite noite noite...

*CORO — 1.<sup>a</sup> Figura*

Acende a forja o seu sol  
E os malhos já 'stão cantando

As canções que as estrelas  
Se esqueceram de cantar...

*CORO — 2.ª Figura*

E ficam presas nos ramos  
Daquela árvore da noite

*CORO*

*(num sussurro)* Noite noite noite noite...

*CORO — 1.ª Figura*

Onde um só fruto sazona  
Com doçuras de luar.

*Pausa*

*CORO — 2.ª Figura*

E ali nasce a madrugada  
Em sinfonias de sons,  
Despertando a natureza  
Que parece dormitar...

*CORO — 1.ª Figura*

Esmagadas pela bigorna,  
As derradeiras estrelas,

Chispando fachos de luz,  
Já morrem na noite noite...

*CORO*

Noite noite noite noite...

*Pausa*

*CORO* — 1.<sup>a</sup> Figura

E os malhos nunca descansam.

*CORO*

Nunca!... Nunca!...

*CORO* — 1.<sup>a</sup> Figura

Porque os seus ecos vibrantes  
Parecem frutos de sons,  
Já vibrantes de maduros  
No silêncio que ali mora.

*CORO* — 2.<sup>a</sup> Figura

E os braços nunca repousam.

*CORO*

Nunca!... Nunca!...

*CORO — 2.<sup>a</sup> Figura*

Como a forjarem a luz  
Que o sol traz com a manhã  
E que acorda pelas serras,  
As fragas como as estevas,  
Os gados como os pastores.

*Silêncio*

*CORO — 1.<sup>a</sup> — Figura*

É ali que nasce o dia...

*CORO*

É ali que nasce a vida...

*Silêncio*

*CORO — 1.<sup>a</sup> Figura*

E cada instante da vida  
É cantado pelos malhos  
Que ressoam nas bigornas  
E nos braços dos ferreiros...

*CORO — 2.<sup>a</sup> Figura*

Pelas quebradas das serras,  
Nas fragas e nas estevas...

*CORO — 1.ª Figura*

Nas campainhas dos gados  
E nos gritos dos pastores,  
Como búrios repetindo  
As melodias do sol...

*Silêncio*

*CORO — 2.ª Figura*

E a luz do dia ali morre...

*CORO — 1.ª Figura*

Volta de novo o luar  
Na companhia de estrelas...

*CORO — 2.ª Figura*

Estrelas que chegam aos bandos  
Voando na noite noite...

*CORO*

Noite noite noite noite...

*Pausa*

*CORO — 2.ª Figura*

E os malhos inda lá cantam...

CORO — 1.<sup>a</sup> Figura

Não se cansam de cantar...

*(um pouco antes de findar o recitativo do Coro, começa a ouvir-se o som de malhos em bigornas, num crescendo gradual, até que termina em gritos vivos que enchem o ambiente; vão-se depois, num decrescendo que fica como música de fundo)*

VIZINHA

E obrigada, vizinha.

MÃE

*(acendendo o candieiro que ilumina a cena)*  
Obrigada porquê, rapariga? Somos umas p'ras outras...

*Vizinha dá uns passos para a porta do fundo, mas detém-se, enquanto Mãe a observa de longe.*

*Vizinha é uma rapariga de beleza radiante; porém o seu modo é triste. Tem na mão uma tigela. Mãe aparenta um ar doce, macegado pelos desgostos.*

MÃE

O que me queres tu dizer?... Não vieste só por isso...

VIZINHA

*(estupefacta)* Eu ?...

MÃE

*(aproximando-se)* Sim, tu... Julgas que não te compreendo?... Podes vir sempre que te seja preciso; esta casa é tua... Mas o vaivem em que tens andado nos últimos dias, dizem-me que guardas qualquer coisa para me contar. Não te falo assim por curiosidade; desabafa, se quiseres...

VIZINHA

*(embaraçada)* Como adivinhou?...

MÃE

Artes de bruxa nunca as tive, rapariga. *(e chegando-se-lhe ao ouvido)* Porque sabe muito o diabo?... *(sorrindo-se de ternura)* Porque é velho e nada mais.

*Mãe agarra Vizinha pela cintura e acompanha-a até junto de*

*uma cadeira; depois, com suavidade, obriga-a a sentar-se.*

MÃE

Não enganam esses olhos tristes, como se tivessem lágrimas guardadas para chorar às escondidas. Se eu o não soubesse...

*Silêncio. Mãe volta ao trabalho de pôr a mesa. Vizinha, de cabeça pendida, compõe as pregas do avental.*

MÃE

O José bateu-te?

*Vizinha nega com a cabeça.*

MÃE

Ralhou-te?...

*Mesmo movimento. Depois um silêncio em que Vizinha segue os passos de Mãe, denunciando o seu desejo de falar.*

VIZINHA

É pecado confessar-lhe...

MÃE

Maior pecado é guardar, porque a nossa cabeça, às vezes, não é boa conselheira. É tão bom falar quando o coração está carregado de amarguras...

*Pausa longa em que Mãe fita Vizinha e dela se aproxima, falando-lhe mais baixo, como se receasse que as paredes a escutassem.*

MÃE

Todos me apontam como exemplo de paciência, mas só eu sei... Noites e noites sem dormir, a remoer comigo os meus desenganos, a chorar as minhas penas... Que coisas esta cabeça pensou!... Tais coisas que me envergonho de *tas* dizer. *(pausa)* E talvez mesmo já as não saiba contar. Espalharam-se-me no sangue e envenenam-me. *(pausa longa)* Não deixes o coração endurecer.

VIZINHA

*(curiosa)* E quando ele endurece, o que sucede, vizinha?...

MÃE

A vida transforma-se num pesadelo que custa a suportar.

*Silêncio*

MÃE

Sonhaste muito antes do teu noivado...

*Vizinha confirma num meneio de cabeça e baixa os olhos.*

MÃE

Pensastes que todos segredos da vida estavam nos braços do teu noivo...

VIZINHA

*(prosseguindo)* E quando julguei que ia beber o sol na sua boca... *(detém-se angustiada)*.

MÃE

*(com ternura)* Continua...

*Vizinha tem um olhar de receio, mas depois prossegue.*

VIZINHA

Tudo se perdeu nos seus braços.

MÃE

As carícias arrefeceram...

VIZINHA

Tão frias...

MÃE

As suas palavras tornaram-se duras...

VIZINHA

Como os penhascos da serra... E os seus beijos que eram lume, deixaram de ser beijos.

*Ficam a olhar uma para a outra, sem palavras. O Coro move-se, erguendo as cabeças de curiosidade.*

VIZINHA

Não será pecado, vizinha?

MÃE

A vida nunca é pecado.

VIZINHA

E senti-me mais só do que quando era orfã. Como se os cavalos da noite me arrancassem do peito tudo o que criara nos meus sonhos de menina... (*pausa*) — (*depois num segredo*) Tenho vontade de abalar...

MÃE

E para onde?...

VIZINHA

Não sei... (*íntima*) Para onde?... Sim, para onde?...

MÃE

(*fixando-a*) Gostas doutro?

VIZINHA

(*sincera*) Não.

MÃE

Então, fica. (*pausa*) Esse é o nosso pecado: sonharmos demais; julgarmos que eles só vivem para os nossos carinhos, quando a vida os chama

para milhentas coisas diferentes. Ficamos carregadas de ciúmes... Até da própria sombra que os segue.

*Vizinha acena a cabeça. Mãe conforta-a num afago. Nas pausas e nos silêncios avantajam-se os ruídos dos malhos.*

*MÃE*

E eles também se desiludem. (*pausa*) E como somos nós que estamos mais perto, atribuem-nos todos os fracassos que vão sofrendo. Muitas vezes, odeiam-nos, estou certa disso. Quando nos beijam com ardor, não é paixão, é raiva; se nos abraçam é talvez para nos esmagar... (*noutro tom*) Eles também sofrem...

*VIZINHA*

E não poderemos?...

*MAE*

As mulheres podem sempre. Nisso está a sua fraqueza e também a sua força... Querer sempre!...

*VIZINHA*

Mas eu agora...

---

*MÃE*

Julgas que não queres. Lá no fundo de ti, porém, há ainda uma esperança que não ouviste. Põe-te a escutá-la e acabarás por entendê-la.

*VIZINHA*

Eu não, vizinha, já não posso; quando toco aquelas coisas que juntei hora a hora, durante anos, sinto que me queimam as mãos... Começo a odiá-las... Só penso abalar pela serra e perder-me nos carreiros, até que os lobos dêem comigo.

*MÃE*

Os lobos já te encontraram... Mas a tal esperança que ainda não ouviste, vai chegar e vai salvar-te.

*VIZINHA*

Tudo já são trevas, vizinha...

*MÃE*

E há uma luz a nascer.

*Silêncio*

MÃE

Já reparaste nas andorinhas quando lhes destróem o ninho?

*Vizinha fica absorta, como se quisesse ver no espaço qualquer coisa que se lhe não revela.*

MÃE

Chegam a voar ao beirado, voltam atrás com mais pressa, julgando que se enganaram, mas depois vêem que era ali... E piam, andam à volta, voam e tornam a voar como doidas...

VIZINHA

E por fim abalam...

MÃE

Mas abalam para trazer mais coisas com que possam refazer o seu ninho, voltando a arrancar penas do peito para os filhos se deitarem...

VIZINHA

E eu poderei ainda?...